

‘Escuto as cigarras cantando e acho que são sirenes’

Moradora de Israel que voltou ao Brasil conta o drama da fuga com a família

Por Gabriela Gallo

A guerra entre Israel e o grupo extremista palestino Hamas já completou uma semana. Milhares de pessoas foram mortas, tanto israelenses quanto palestinos. E no meio desse conflito, brasileiros que moram em Israel conseguiram fugir graças à Operação ‘Voltando em Paz’, da Força Aérea Brasileira (FAB), para trazer de volta os repatriados. A jornalista Carolina Rizzo estava no meio dos passageiros de um desses voos. Acompanhada do seu marido, o também jornalista Felipe Campbell, e os dois filhos, Fernando (3 anos e meio) e Francisco (1 ano e meio), eles desembarcaram no Brasil e agora estão seguros na capital federal.

O casal é brasileiro e moravam em Israel há três anos. Grande parte do tempo passaram em Jerusalém e, um mês e meio antes do conflito, tinham se mudado para um apartamento em Tel Aviv, uma cidade na costa israelense do mar Mediterrâneo.

“No dia anterior ao início da guerra, estávamos planejando levar os nossos filhos pequenos para um parque de diversões, estávamos combinando com amiguinhos deles. E aí, de repente, às 6h30 da manhã, as sirenes começaram a disparar e o meu filho mais velho escutou e veio falar para a gente: ‘Mamãe, tem barulho lá fora.



Felipe, Carolina e os filhos no voo de Israel para o Brasil, graças a Operação ‘Voltando em Paz’

Mamãe, eu estou assustado’. E aí a gente viu que era sirene de mísseis e fomos para o bunker do apartamento, para nos protegermos”, disse Carolina à reportagem.

Todas as residências em Israel costumam ter bunkers, que são abrigos reforçados nas paredes e no teto para proteger as pessoas de um ataque de bombas. O Estado de Israel exige que todos os prédios ou casas tenham um quarto fortificado, nem que seja ao menos um por andar. Os abrigos costumam ter a metragem de um quarto comum. As paredes, o chão e o teto são reforçados com cerca

de 30 centímetros de concreto maciço, a porta é de metal, com travas que vão fundo na parede. Janelas seguem o mesmo padrão, apesar de normalmente haver só uma janela.

O som da guerra

Carolina contou que, só no primeiro dia dos ataques, as sirenes de mísseis foram tocadas oito vezes. “Foi muito assustador, ainda mais para os brasileiros ouvir uma sirene anti-míssil. Isso é uma coisa que nem passa pela nossa cabeça, é uma coisa muito assustadora o som da guerra”, ela lembrou.

E enquanto eles estavam

no bunker, chegavam diversos vídeos nas redes sociais do que estava acontecendo. Alguns vídeos foram postados fora de contexto, outros traziam cenas fortes de como estava o cenário de guerra, em outros pronunciamentos do Hamas, o grupo palestino responsável pelos ataques. E nesse meio tempo em que eles não tinham um comunicado oficial dos governos de Israel e da Palestina, a ansiedade e o medo do pior é muito alta.

“É uma tortura psicológica enorme, ainda mais quando você tem filho pequeno. Você os imagina na mesma situação que as crianças vítimas dos

bombardeios. É um sofrimento muito grande”, afirmou.

Ela detalhou como estava a situação da cidade quando saíram: “A situação lá é terrível, as pessoas têm que ficar trancadas dentro de casa, escolas fechadas, risco de terroristas infiltrados nas ruas. Então esse medo de sair é enorme”.

Volta ao Brasil

O casal voltou para Brasília, sem grandes problemas. Com exceção de um grande susto para todos eles na hora de embarcar. “Na hora do check-in em Tel Aviv, a sirene anti-míssil do aeroporto começou a tocar e tivemos

que largar a mala e sair correndo para o bunker do aeroporto, pegar as crianças o mais rápido possível e se espremer para entrar no bunker. Então, essa parte foi assustadora, a gente tinha medo de que algum míssil pegasse o avião quando a gente entrasse”, relatou Carolina.

E esses barulhos marcaram ela. Nessa época do ano em Brasília, é comum ouvir o canto alto das cigarras, anunciando a chegada de chuvas e o início da primavera. Mas esse mesmo som que é um alívio para os brasileiros, virou um tormento para Carolina. “Às vezes, eu estou escutando aqui em Brasília as cigarras cantando, e eu estou achando que é a sirene, sabe? É um trauma que vai ficar”, disse.

Mesmo assim, ela afirma que é muito grata à FAB e as pessoas que trouxeram ela e sua família de volta. “Agora, eu estou em segurança aqui com os meus filhos, mas também um pouco com sentimento de culpa de estar bem aqui enquanto muita gente está lá desesperada tentando sair”.

Mas, mesmo com toda a luta para voltar ao Brasil, o casal pretende voltar para Israel assim que a guerra acabar. “Parece que a gente foi no mercado e volta a qualquer momento, porque a casa está toda inteira, tem comida na geladeira, a gente saiu assim, foi bem de última hora, fugidos mesmo. Mas a gente só está esperando as coisas se acalmarem pra voltar, porque nossa vida também está lá”, ela relatou.

As coincidências históricas do novo embate de Israel e Hamas

Conflito acontece no período em que, há 50 anos, teve a guerra de Yom Kippur

Por Marcelo Perillier e Barros Miranda

Há muitas teorias políticas e históricas nas quais podem ser embasadas esta pólvora que se explodiu novamente no Oriente Médio, sobre a questão de Israel, Hamas, Palestina e Jerusalém. Nem todas estão corretas, muito menos são as verdadeiras, mas servem de alento para sabermos um pouco mais sobre este conflito, que está longe de um fim.

Pesquisadores seguem uma linha de que a aproximação de países árabes com Israel, com intermediação dos Estados Unidos, pode ter inflado o Hamas a atacar o estado judeu. O estopim, para esses pesquisadores, teria sido uma aproximação entre Israel e Arábia Saudita, no intuito do reconhecimento do território israelense como um país. Afinal, a nação é uma das mais ricas da região e poderia gerar uma grande mexida no tabuleiro deste imbróglio, aumentando ainda mais o poder dos judeus para terem seu estado referendado no Oriente Médio, de predominância árabe.

Há também a histórica, que nos reflete a duas datas de grande importância, sendo que uma delas está em celebração de ano cheio — para a historiografia, esses anos são aqueles terminados em final 0 e 5.



Guerra de 1973 fez o Egito ser a primeira nação árabe a reconhecer o estado judeu de Israel

Em 6 de outubro de 1973, há 50 anos, no período do ano novo judaico, data em que os adeptos à essa religião se reclusam para pedir perdão aos pecados cometidos no ano anterior e bênçãos para o seguinte, o Egito invadiu Israel. A chamada Guerra de Yom Kippur durou até o dia 26 e outubro, a nação africana saiu derrotada e, como consequência, acabou sendo o primeiro país árabe a reconhecer oficialmente o Estado de Israel.

Cronologia da guerra

Yom Kippur, porém tem seu significado vindo de outro conflito: a Guerra dos Seis Dias, de 1967, onde Egito e Síria, junta-

mente com a Jordânia, resolveram invadir Israel e dominar o território judeu.

Em maio daquele ano, os governos da Síria e da Jordânia apoiaram grupos guerrilheiros que fizeram parte da Organização para a Libertação da Palestina a movimentar na fronteira com Israel. O governo egípcio seguiu o mesmo caminho, ordenando, inclusive, que tropas da ONU evacuassem a Península do Sinai, porta de entrada do país com o Oriente Médio, para seus exércitos ficarem com o caminho livre para um possível embate. Percebendo essa movimentação dos vizinhos, Israel se lançou ao ataque em várias frentes, em

5 de junho.

Com suas tropas praticamente aniquiladas, com 306 de 360 aviões de guerra destruídos, o Egito foi, praticamente, dominado pelo exército judeu. Sírios e jordanianos também tiveram o mesmo desfecho, com, no total computando 4.300 soldados mortos e 6.120 feridos. Já Israel teve 980 soldados mortos e 4.520 feridos

A duração do embate, de seis dias, foi crucial para o povo judeu se expandir ainda mais, dominando áreas das Colinas de Golá, Jerusalém Oriental, parte da Cisjordânia e a Península do Sinai, a fronteira do Egito com o Oriente Médio.

O conflito

Quase que num Déjà vu, o Egito, novamente, ataca Israel pela Península do Sinai, com grande ofensiva, mas, desta vez, sem grande contrapartida dos judeus, já que estavam na semana do perdão.

A contraofensiva de Israel, mais uma vez, foi certa, com seus navios de guerra expulsando os árabes do território do Sinai e da borda com o continente africano.

O tratado de paz entre os dois países, com intermédio dos Estados Unidos, foi assinado em Camp David, em Maryland, com o Egito tendo que reconhecer o Estado de Israel.

O Hamas

Passados alguns anos dessa guerra, Israel continuava a ter seu território com grande valor para as nações, enquanto os árabes não tinham a Palestina na mesma moeda. Além disso, as áreas que os judeus dominaram na Guerra dos Seis Dias ainda estavam sob seu domínio, contrariando a prerrogativa da ONU de 1948, na formação dos dois estados no antigo território britânico da região.

Assim, um grupo terrorista foi formado, com o intuito de, na força, obter as terras que, na visão deles, lhe pertencem. Criado a partir de uma ramificação da Irmandade Muçulmana, o Hamas defende a islamização da sociedade e o fim dos judeus na região que consideram sagrada.

Diante de toda a cronologia recente, muitos ainda podem acreditar que o ataque do Hamas em Israel não foi por acaso, principalmente no período histórico em que estamos: os 50 anos da Guerra de Yom Kippur, que provocou o reconhecimento do primeiro país árabe de Israel e uma maior proeminência política dos judeus na região.

Mesmo assim, o Hamas não tem apoio de todos os palestinos e nem pode dizer que é uma guerra entre judeus e árabes. E sim uma luta contra um grupo extremista, apoiado por alguns países árabes, com Irã e Síria, para acabar com o Estado de Israel.